

“O provérbio é a voz do povo”, e “o povo, a voz de Deus”: a voz da parêmia no diário de Helena Morley

Vanda de Oliveira Bittencourt*

Resumo

No presente trabalho, procuro investigar um dos cruzamentos genológicos que permeiam o diário escrito pela jovem diamantinense Helena Morley, ou melhor, Alice Dayrell Caldeira Brant, intitulado *Minha vida de menina*. Estendendo a tempos mais remotos o seu ato memorialístico, através da incorporação da voz antiga do “senso comum” expressa nos provérbios, a autora utiliza-os/recebe-os, segundo os ditames da conveniência própria, fazendo deles uma das camadas do aparato argumentativo que constrói, em diálogo consigo mesma e/ou com o seu diário.

Palavras-chave: Helena Morley; *Minha vida de menina*; Expressões proverbiais; Operação argumentativa.

Eu só escrevo o que ouço dos outros
ou coisas de minha cabeça
(Helena Morley)

“O PROVÉRBIO É FILHO DA EXPERIÊNCIA”

Filho da experiência e voz do povo, o provérbio impera, desde a mais remota antigüidade, em nossas interlocuções do dia-a-dia, constituindo-se numa voz coletiva, que, com seus conselhos, advertências, observações, etc., nos ajuda a viver. Considerado por Xatara e Oliveira (2002) como “um dentre esse turbilhão dos modos de dizer as realidades percebidas a nossa volta”, esse representante da “anônima sabedoria das nações, (...) aprovada e utilizada pelas massas” (p. 13) é, no dizer de Weitzel (1995), “tão velho quanto o mundo e ao mesmo tempo tão novo quanto os acontecimentos de nossos dias” (p. 119).

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Em sua condensação lingüística, as expressões proverbiais, na verdade, se configuram como um tipo genológico complexo, resultante, de acordo com alguns estudiosos, da conjunção de três ingredientes básicos, expressos pelas três letras SSS: sal, senso e simplicidade (do original inglês, *sens, shortness and salt*). Contudo, opondo-se a essa caracterização reducionista, autores como os supracitados têm se empenhado em demonstrar que, tanto em sua configuração formal quanto em seu *designatum* (e, naturalmente, em sua função comunicativa e força retórica), os enunciados parêmicos, *stricto sensu*, não são tão simples quanto podem parecer. Na primeira parte de seu dicionário bilíngüe (francês-português e português-francês), na qual procedem ao exame do estatuto formal e semântico desse gênero de domínio coletivo, Xatara e Oliveira (2002), por exemplo, demonstram o quanto ele varia em termos de estruturação lingüística, conteúdo, finalidade, aplicabilidade pedagógica, a que se podem acrescentar propriedades como: o *status* perlocutório, o efeito argumentativo e o contexto de enunciação.

Além de um conteúdo doutrinário, moralizador – mais lembrado na literatura corrente –, as asserções proverbiais costumam veicular matéria crítica, que, muitas vezes, impiedosa e/ou sarcástica, tem, como intento, opor-se ao quadro social, cultural e político vigente entre nós; manifestar-se contra as instituições que nos regem; denunciar nossos maus hábitos e costumes, e, até mesmo, sublevar-se contra os seres humanos, considerados em seus inúmeros defeitos – físicos, intelectuais, ou morais. Toda essa “versatilidade” semântico-pragmática deixa ainda mais evidente o quanto nos iludimos com o “nanismo” formal dos provérbios, mais exacerbado em fórmulas como: “Querer é poder”, “Bateu, levou”, “Bofetada, mão na espada”, “Dos males, o menor”, etc., que são engendradas com o mínimo de material lingüístico possível. Elemento facilitador da memorização, essa estruturação reduzida – unicategorial, ou binominal –, na realidade, envolve uma operação cognitiva complexa, que, se não realizada a contento, pode determinar certa obscuridade de sentido (para não dizer “mistério”) dos ditos proverbiais, demandando, assim, maior esforço interpretativo.

Do mesmo modo, a constituição poética dos provérbios nos comprova o equívoco daqueles que os qualificam como pobres em termos de sua expressão lingüística. Assim é que, tomados em seu macroconjunto, podemos constatar que, embora abreviadas na forma, as unidades proverbiais apresentam variações que decorrem do tipo e do número de ingredientes de que se compõem, quais sejam: ritmo, rima, aliterações, paralelismos, musicalidade e outros elementos mais. Quem poderia imaginar, por exemplo, que enunciados proverbiais como os apresentados a seguir (aqui numerados, por razões organizacionais), correntes em nossa fala cotidiana, comportassem, em sua forma diminuta, tamanha carga poética:

- (1) a- *Bens de sacristão, cantando vêm, cantando vão.*
 b- *Do branco o salão, do negro o fogão.*
 c- *Ladrão de tostão, ladrão de milhão.*
 d- *Mão na venta, não se agüenta.*
 e- *Quem não trabuca não manduca*

Até mesmo no plano gramatical, conforme já se deixou entrever, é possível testemunhar o nível de elaboração das expressões proverbiais. Em termos sintáticos, por exemplo, várias delas fogem aos cânones da língua, apresentando deslocamentos de termos intraoracionais, estruturações binominais, omissões de itens verbais, supressões do artigo, preferência por certos modos e tempos verbais, como o Presente do Indicativo e o Imperativo, etc., conforme nos comprovam os seguintes exemplos:

- (2) a- *Na barba do tolo, aprende o barbeiro novo.* (Posposição do sujeito)
 b- *Justiça demorada, injustiça é.* (Anteposição do predicativo do sujeito)
 c- *Alegria traz simpatia.* (Omissão de artigo)
 d- *Bom livro, bom amigo.* (Omissão de item verbal)
 e- *Segure a oportunidade pela barba; por trás ela é careca.* (Emprego de imperativo)

Exigindo maior ou menor esforço de interpretação, o componente semântico dos provérbios, como era de prever, se apresenta variado, tanto em termos das unidades lexicais consideradas isoladamente, quanto em termos das inter-relações de umas com as outras. Dentre os expedientes utilizados, lembrem-se, aqui, os seguintes: o jogo de trocadilhos, a exploração de formas paronímicas, as substituições metafóricas, as conjugações antonímicas, as generalizações e indeterminações, etc. Nos dados abaixo, podemos constatar o emprego de algumas dessas possibilidades:

- (3) a- *Quem pondera tudo não resolve nada.* (Jogo antonímico)
 b- *O mau ouve o mal, e o bom ouve o bem.* (Jogo antonímico e homofônico)
 c- *Mentira tem perna curta.* (Metáfora antropomórfica)
 d- *É melhor merecer sem ter do que ter sem merecer.* (Jogo de palavras)
 e- *Quem dá de pé volta deitado.* (Generalização por indeterminação)

Em face desse estado de coisas, pode-se afirmar que a linguagem proverbial tem a sua própria gramática e essa gramática, ou características próprias, conforme prefere Weitzel (1995), é que justifica “a sua apaixonada aceitação e admirável disseminação nos quatro cantos do mundo” (p. 119).

Resultantes, pois, da congregação de componentes que vão, numérica e qualitativamente, muito além de seus três famosos SSS, as sentenças proverbiais constituem, *per se*, uma espécie de "veículo midiático", que leva aos diferentes pontos da terra "uma língua mental comum a todas as nações" (cf. XATARA & OLIVEIRA, 2002, p. 15). Além do mais, elas se configuram como "objeto" de publicidade, já que propagadas, sobretudo em tempos modernos, por meios tecnológicos que cada vez mais eficientes, ultrapassam o recurso tradicional de transmissão oral de pai para filho. Dentre os novos meios de comunicação, mencionem-se os seguintes: jornais e revistas, obras literárias, textos publicitários propriamente ditos, programas de rádio e de televisão e até mesmo o nosso cancioneiro popular, em que encontramos, por exemplo, canções como a que, interpretada por nosso Sérgio Reis, combate, musicalmente, a discriminação contra as mulheres "coroas", antigamente chamadas de "balsaquianas", no seguinte verso paremiológico: "*Panela velha é que faz comida boa*".

Até mesmo no discurso científico, de que se exige total objetividade e imparcialidade, encontramos apropriações desse gênero representativo da voz da sabedoria popular. Para comprovar isso, não precisamos ir longe, já que, aqui mesmo, neste número da revista *Scripta*, temos um exemplo no trabalho de autoria de Marco Antônio de Oliveira. Explorando uma de nossas mais conhecidas parêmi- as, no próprio título que o introduz, esse autor recorre ao seguinte enunciado: "Nem tudo que reluz é ouro", muitas vezes completado, entre nós, por uma segunda parte: "Nem tudo que balança cai". Por consubstanciar um ato de caráter admoestativo e outro de cunho contestatório a uma verdade pragmaticamente estabelecida, esse provérbio permite que o autor anuncie, prospectiva e metaforicamente, o tipo de operação argumentativa que efetua em seu artigo, operação essa destinada a comprovar a veracidade do ato denegatório expresso no título – provérbio.

Provérbio, ditado, anexim, refrão, adágio, rifão, etc., independentemente do rótulo que receba, esse material paremiológico não só se constitui num dos ingredientes que colaboram na construção do aparato argumentativo, como tem estendida a sua atuação no interior de outros gêneros discursivos, dentre os quais o humorístico. Alteradas por meio de enviesamento do sentido de seus vocábulos, de substituição anômala de vocábulos, de emprego de trocadilhos, de segmentação/conjunção vocabular morfológicamente excêntrica, de acréscimo de codas – quase sempre de criação pessoal –, inesperadas, contraditórias ou zombeteiras, e de tantos outros recursos mais, as expressões proverbiais são transpostas de seu território de atuação, a fim de servir ao discurso do humor, no qual exercerá um novo papel: o de provocar o riso. Não é à toa, pois, que a paródia a provérbios, por exemplo, se configura como uma das estratégias mais recorrentes

tes em nossos programas humorísticos, sobretudo os de caráter mais popular, como: “A Praça é Nossa” e “Zorra Total”, produzidos, respectivamente, pelas emissoras de televisão SBT e Rede Globo. Por força do uso, muitas delas até acabam servindo para consagrar e/ou identificar os personagens, que se comprazem em repeti-las, deformando, muitas vezes, o enunciado original. Exemplo disso é a personagem Magda, esposa “burra” de Caco Antibes, que, protagonista como ele da comédia “Sai de Baixo”, programa dominical (já fora do ar) da Rede Globo, deixou na memória dos telespectadores muitas de suas “inteligentes retextualizações” proverbiais. O conjunto de enunciados abaixo, coletado de conversas do dia-a-dia (exemplos sob o número 4), ou lembrados da fala de Magda (exemplos sob o número 5), ilustra alguns casos (destacados em negrito) de “distorção” de provérbios, produzida, através das seguintes estratégias: substituição vocabular anômala, conjunção morfológica equivocada, ou acréscimo de coda (ou arremate) contestatória:

- (4) a- *De grão em grão, a galinha vai pro papo.* (Ao invés de enche)
 b- *Quem empresta a pobre e empresta, adeus!* (Ao invés de a Deus)
 c- *Quem corre cansa, quem não corre chega atrasado.* (Uso de coda)
- (5) a- *Depois da tempestade vem a abundância.* (Ao invés de bonança)
 b- *Águas passadas não tocam no vinho.* (Ao invés de moinho)
 c- *Cão que ladra não morre.* (Ao invés de morde)

Sintonizadas com a intenção didático-doutrinária da voz parêmica, até mesmo as obras conhecidas como de “auto-ajuda”, mais do que nunca disseminadas entre nós, se aproveitam desse veio da sabedoria popular, no intuito de reforçar a credibilidade do *designatum* de suas lições. Exemplo disso é o livro *Mil beijos em frases; gotas de sabedoria para indicar caminhos* (1999), cuja autora, Jacqueline Shor, assim justifica, em ato metalingüístico, a sua produção:

Partindo da relação amorosa que estabeleci com essas frases, venho ao encontro do leitor. (...) Organizei essas *falas companheiras*, sob forma de livro, com a certeza do poder que têm para trazer auxílio. Esta é a minha contribuição para a perpetuação desse modo de dizer simples e tocante, patrimônio da humanidade, como o beijo. (p. 9; destaque da autora)

Voz da experiência, é de esperar que o provérbio tenha, no meio familiar, um dos contextos ideais para ser lembrado, principalmente quando porta conteúdo doutrinário. Quantas vezes “entram por um ouvido e saem por outro” as lições maternas e paternas dadas aos filhos através da voz “incontestável” do bom senso, contida em provérbios como:

- (6) a- *Quem com porcos se mistura farelos come.*
- b- *A mentira só dura enquanto a verdade não chega.*
- c- *Quem tudo quer tudo perde.*
- d- *Muito riso, sinal de pouco siso.*
- e- *Quem fala muito dá bom dia a cavalo.*

Essas e outras expressões proverbiais, ecoadas diariamente no meio familiar, acabam revelando, especularmente, os defeitos – físicos, ou não –, o mau comportamento, o mau caráter, os maus hábitos, as más inclinações, etc. de seus membros, identificando, pois, os que andam em má companhia, os que gostam de pregar mentiras, os que têm ambições desmedidas, ou, então, os que riem e falam mais do que deviam e que, portanto, se esquecem de que “o silêncio vale ouro”. No caso dos adolescentes e jovens, a rebeldia costuma falar mais alto, levando-os a contestar a voz paremiológica seja com enunciados antimodelos, seja com acréscimos de coda de criação pessoal, ou, então, com deturpações do enunciado original.

Menina-moça nascida em região interiorana (em geral, mais conservadora e rígida em seus costumes), Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970), não fugiu à regra de seus companheiros de faixa etária, pouco receptivos à voz da tradição. Lembrando a sua presença constante nas lições adultas que recebia dos familiares, ela retoma e refaz a seu bel-prazer vários deles, em diferentes passagens do seu diário, escrito durante os anos de 1893, 1894 e 1895, e publicado, em 1942, com o título de *Minha vida de menina*. Ora receptiva, ora hostil aos ensinamentos, ordens, conselhos, advertências, etc., que lhe chegavam em forma de provérbios, e, por conseguinte, com uma carga autoritária maior, a menina diamantinense deixou registradas, em seus cadernos de memória, aqueles que mais ouvia, deixando claro que suas reações – de acatamento ou de rejeição – eram determinadas pelo que lhe conviesse na ocasião, ou pelas oscilações de humor e de sentimento próprios à fase adolescente. Em prefácio a essa obra, Alexandre Eulálio (1994) assim se manifesta a respeito do diário e da sua autora, de quem foi conterrâneo:

A meio caminho do documento e da ficção, caderno de anotações escrito à margem da literatura, num calmo dia-a-dia que a adolescência e a província iluminam de modo peculiar, essa história natural de uma menina do interior impôs-se pelas suas claras qualidades. A sensação de frescor que nos comunica cada página do livro, a **franqueza imperturbável** dos catorze anos da autora, cujo **inconformismo sem rótulo** resulta do mais autêntico humorismo – displicente, impiedoso, sem cerimônia –, colocam estas memórias nos antípodas do tom acadêmico e do beletismo e vêm-nas antes aparentar com a literatura picaresca. (Prefácio, p. x; destaques meus)

Numa linguagem espontânea, prenhe de oralidade e rebeldia, a mocinha Helena vai, ao longo de sua rememoração, deixando para a posteridade diferentes tipos de ensinamento que lhe eram dados, na voz de autoridade dos provérbios, assumida e endossada pelos familiares, agregados e serviços adultos com que convivía. Ouvida a doutrina, ela se punha a “matutar” sobre sua pertinência, manifestando, depois, o seu ponto de vista, através de atos de adesão ou de réplica (mais comuns). No último caso, de denegação, ela nada mais fazia que pôr sob suspeita a credibilidade e a aplicabilidade do *dictum* (ou *designatum*) dessas lições condensadas no mundo real em que vivia, de menina pobre cercada de diamantes.

No intuito de averiguar o modo como a jovem autora incorporou esse tipo de material na construção do seu discurso memorialista – conferindo-lhe, com isso – maior força argumentativa, proponho-me, neste trabalho, em continuação ao primeiro, datado de 2003, examinar alguns dos provérbios que deixou registrado no texto resultante da ação auto-reflexiva e rememorativa que empreendeu, em “conluio” com o seu diário. Para tanto, valho-me aqui da décima sétima edição da obra, que, publicada em 1994 pela José Olympio Editora, traz, nas orelhas, a opinião de nossos expoentes – brasileiros e estrangeiros – da literatura e/ou da crítica contemporânea acerca dos escritos de Helena.

Quanto aos exemplos não transcritos do texto da autora, a provêm de dois tipos de fontes: uma *primária*, recolhida de conversas espontâneas realizadas em ambiente familiar ou profissional; outra, *secundária*, constituída de algumas obras voltadas para essa área de estudos – da paremiologia –, dentre as quais, a de Mota (1982), Weitzel (1995), Pinto (2000), Souza (2001), Xatara e Oliveira (2002), Teixeira (2004), e, até mesmo, de uma das peças teatrais de Artur de Azevedo – *Amor por anexins* –, que, conforme se sabe, tinha a maior afeição por esse gênero.

Optando por uma perspectiva de análise voltada para o plano discursivo, em especial, para a ação retórico-argumentativa, procurei me apoiar, teoricamente, em estudos comprometidos com o modo de processamento da enunciação e de seu fazer persuasivo, dentre os quais, os de: Bakhtin (1986), Benveniste (1989), Ducrot (1987), Orlandi (1988), Marcuschi (2000), Maingueneau (2001), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) etc.

“MAIS VALE ASTÚCIA QUE FORÇA”

Estratégia de metalinguagem, expediente de caráter polifônico e forma de diálogo intertextual, a voz do provérbio permeia todo o diário de Helena Morley, ganhando maior extensão de uso, no último ano, de 1895, em que ela se dedicou a escrevê-lo.

Ouvido de adultos, ou retomado, segundo conveniência própria, pela menina autora, o material paremiológico constante de seu diário nos remete a modos variados de interação e de argumentação, cujo efeito também é diferenciado. As de cunho confirmatório, por exemplo, servem para Helena explicar, exemplificar, esclarecer, comprovar, ou reforçar o seu ponto de vista de menina-adolescente; já as de natureza contestatória, para criticar, questionar e/ou denegar a credibilidade do conteúdo (*designatum*) doutrinário comum a essa espécie genológica. Nesse último caso, de contestação, o efeito é mais extensivo, uma vez que não só é questionada a pertinência dos ensinamentos das pessoas da convivência da mocinha que se preocupavam em "domesticá-la", como a confiabilidade e a autoridade da voz coletiva, relembradas, metalingüisticamente, no próprio título do presente trabalho, em que se conjugam duas asserções paremiológicas: "O provérbio é a voz do povo", "A voz do povo é a voz de Deus".

Quanto aos enunciadores mais contumazes desse gênero, ou seja, às pessoas circundantes que mais exploravam o seu poder didático com vistas a corrigir a independência, a rebeldia e o espírito contestador da jovem escritora, salientam-se duas figuras: a da mãe e, particularmente, a da avó, com quem ela mais convivia e mais se sintonizava, conforme mostrado por Moizés (2003). Assim, não nos surpreende que sejam exatamente essas duas mulheres as mais lembradas por Helena como porta-vozes da "sabedoria condensada dos provérbios", expressão que dá título à obra de Teixeira (2004), voltada para essa área de estudos. Nos segmentos abaixo – aqui numerados como os anteriores, por razões didáticas –, exemplificam-se algumas ocorrências (destacadas em itálico) desse tipo genológico doutrinário:

- (7) "Vovó tem um ditado bem ruim para nós, que temos de agüentá-lo. Ela diz sempre: '*Remenda teu pano, que durará um ano; remenda outra vez, que durará um mês*'. Ontem eu estava com meu vestido branco, que tem me durado muito, já rasgado. Como mamãe está na Santa Bárbara, eu aproveitei, rasguei-o ainda mais e mostrei a vovó, para ter o pretexto de não ir com Dindinha (...) e ganhar outro. *Ela veio com o ditado*, coseu o vestido todo e eu tive de sair com o vestido cosido nas rendas'" (MORLEY, 1994, p. 61; destaques meus).
- (8) "Quando eu reclamo o pouco caso que ela [a mãe] faz em si e a preocupação conosco e com meu pai, ela responde: 'Você verá quando for mãe. Você não sabe o ditado: '*Desde que filhos tive nunca mais barriga enchi?*'" (MORLEY, 1994, p. 177; destaques meus).

Por vezes, as expressões proverbiais ganham reforço no ato rememorativo da garota, uma vez que lembrados em dueto (ou superposição dialógica, se levarmos em conta as lições de Bakhtin, 1928/1986), constituído pelas vozes da mãe e da avó, que, por seu turno, fazem coro com a voz universal neles contida:

- (9) “Quando eu tenho inveja da sorte dos outros, mamãe e vovó sempre dizem: ‘*Deus sabe a quem dá sorte*’. Na Boa Vista agora é que eu acabei de crer. Já disse a vovó que ela quase nunca erra, quando fala as coisas”. (MORLEY, 1994, p. 8; destaques meus).

Do pai, quase sempre ausente de casa, por força do trabalho na mineração, Helena registra apenas duas lições em forma de provérbio. A primeira, revigorada por uma coda reiterativa (destacada por sublinhado) acrescida por ele à expressão paremiológica, parece mais uma criação própria, ou, então, uma versão pessoal de algum provérbio conhecido. A segunda, também reforçada por “coda” reiterativa (identificada por sublinhado), faz eco a um ensinamento de domínio público:

- (10) a- “Meu pai anda tão caipora que ninguém mais espera sorte aqui em casa. Só ele é que diz sempre: ‘*Nem sempre o infeliz chora. O dia há de chegar*’”. (MORLEY, 1994, p. 103; destaques meus).

b- “Mas fique sabendo, minha filha, nunca pense em muito *dinheiro, que não dá felicidade a ninguém e às vezes até tira*”. (MORLEY, 1994, p. 144; destaques meus).

Embora referida apenas uma vez, a voz adulta e doutrinadora das tias com quem Helena mantinha contato, também é lembrada na seguinte expressão proverbial, que, no caso, serve para reforçar a opinião (pessimista) de alguns familiares a respeito do modo de ser de “tia Clarinha”, pessoa demasiadamente excêntrica para aquele lugar e tempo:

- (11) “Dizem vovó e minhas tias que ela [tia Clarinha] foi sempre assim [de gênio forte] e que *pau que nasce torto nunca se endireita*”. (MORLEY, 1994, p. 123; destaques meus).

Nesse contexto, de vida doméstica, fica patente a intenção doutrinária, pedagógica, do uso de material paremiológico. Afinal, em sua “sabedoria condensada” – para repetir os termos de Teixeira (2004) –, as fórmulas proverbiais dizem tanto com tão pouco! Todavia, não seria alguém da faixa etária de Helena Morley, com sua franqueza, vontade própria, independência de pensamento, espírito re-

belde e questionador, ou, em suas próprias palavras, com o "frouxo de riso constante", que estaria disposta a acatar, passivamente, a autoridade expressa na voz coletiva e milenar da parêmia. Assim é que, em situações como a apresentada no excerto (7) acima, a garota reage negativamente à lição de economia doméstica dada, em repetição da voz paremiológica, pela avó, que a levou a costurar, muito a contragosto, o vestido surrado que ousara rasgar, com o fito de ganhar um novo. Diferentemente, em casos como o transcrito em (9), a jovem acata (pelo menos, num primeiro momento, conforme se verá mais adiante) a lição de um dos provérbios preferidos pela mãe e pela avó no combate à inveja: "*Deus sabe a quem dá sorte*". E mais: a autora o faz, confessando, metalingüisticamente, a sua adesão: "Na Boa Vista, agora é que eu acabei de crer" (MORLEY, 1994, p. 8; destaque meu).

Essa tensão entre "acordo" x "desacordo" pode ser observada no próprio acervo paremiológico em si, no qual se registram recomendações, conselhos, advertências, avisos, etc. contraditórios entre si, conforme exemplificado abaixo:

- (12) a- *Deus ajuda quem cedo madruga.*
b- *Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga.*
- (13) a- *Beleza não põe mesa.*
b- *Boa aparência é carta de apresentação.*

Se até os enunciados paremiológicos se "estranham", não é de espantar que a tensão entre "anuência" e "repúdio" seja uma constante na obra memorialística da jovem mineira, que, de acordo com os seus interesses pessoais, ora acata, ora denega o seu *dictum*. Em fase pré-adolescente, em que o que conta são os "olhos de mocidade", segundo palavras de Alexandre Eulálio (1994, p. x), prefaciador da obra, a jovem escritora, naturalmente, privilegia a contestação, conforme se pode ver no seguinte segmento, em que a doutrinação proverbial é expressa em forma de quadrinha:

- (14) "Poucas são as vezes que entro em casa que mamãe não repita o verso:
A mulher e a galinha
Nunca devem passear;
A galinha bicho come,
A mulher dá que falar".

E depois diz: 'Era por minha mãe nos repetir sempre este conselho, que fomos umas moças tão recatadas. (...) Eu sempre respondo: 'As senhoras eram caseiras porque moravam na Lomba. E depois, a fama foi o caldeirão de diamantes que vovô encontrou. Moça caseira, a senhora não vê que não pode ter fama? Como? Se ninguém a vê?'". (MORLEY, 1994, p. 186-187; destaques meus)

Apesar da preponderância de atos de rejeição, não se pode deixar de reconhecer o “malabarismo” executado por Helena Morley, no acolhimento das lições de alguns dos provérbios que compartilharam do seu dia-a-dia. Justamente por ele é que, no presente estudo – amostra de uma pesquisa de âmbito mais amplo –, optei por examinar os enunciados proverbiais chancelados pela jovem autora, com base em sua experiência pessoal de vida e, sobretudo, naquilo que lhe fosse mais conveniente.

Menos numerosas que as reações contestatórias da menina escritora, segundo já mencionado, as reações de acatamento, tomadas em seu macroconjunto, são expressões de um modo variado, tanto no que diz respeito à sua incorporação no discurso memorialista de Helena, quanto no que concerne à sua recepção pela autora. De certo modo, pode-se dizer, essa variação reflete, especularmente, o estado de espírito da adolescente, a sua instabilidade de humor, a sua maneira própria de ver o mundo, bem como o seu jeito de encarar as diferenças de temperamento e de atos das pessoas com que convivia. Em passagens como a de número (8) (transcrita acima e retomada abaixo com material complementar e nova numeração), por exemplo, o enunciado proverbial é incorporado ao discurso de Helena, através de remissão direta e metalingüística à fala (*dicere*) da mãe, que costumava utilizá-lo como justificativa do “tal” descuido para consigo mesma e do excesso de cuidado para com o marido e filhos, e, ao mesmo tempo, como rebate às críticas da filha e de seus familiares:

- (15) “Mamãe, eu ainda acho mais abnegada que as outras, porque, além dos cuidados com os filhos, é a que tem mais agarramento com o marido. É até falado na família. Quando eu reclamo o pouco caso que ela [a mãe] faz em si e a preocupação conosco e com meu pai, ela responde: ‘Você verá quando for mãe. Você não sabe o ditado: *Desde que filhos tive nunca mais barriga enchi*. É a pura verdade. Minha vida são vocês e seu pai. Se vocês comem, eu fico mais satisfeita do que se fosse eu”’. (MORLEY, 1994, p. 177; destaques meus).

No caso em pauta, a anuência de Helena não é expressa, mas inferida pelo leitor. Diferentemente, no que é apresentado a seguir, a adesão é explícita, e o provérbio reproduzido, *ipsis litteris*, tal como ouvido pela autora da boca de Mãe Tina, uma das empregadas da sua avó, que o aplicava a todas as situações de “aperto”:

- (16) “Conversando com elas [amigas] na pedreira eu disse que sabia que era feia mas não me incomodava porque mãe Tina me criou sabendo que ‘o feio veve, o bonito vete, todos vevem”’ (MORLEY, 1994, p. 55; destaques meus).

Mais contundente, no exemplo abaixo, em que se retoma, com a devida complementação e nova numeração, o exemplo número (9), a concordância da mocinha é expressa imediatamente depois da reprodução – em discurso reportado direto – de um dos provérbios doutrinários mais repetidos pelo duo, aqui já referido, constituído pela mãe e pela avó:

- (17) “Quando eu tenho inveja da sorte dos outros, mamãe e vovó sempre dizem: *‘Deus sabe a quem dá sorte’*. Na Boa Vista agora é que eu acabei de crer. Já disse a vovó que ela quase nunca erra, quando fala as coisas. (...) Estávamos, todos os meninos, andando de um lado para outro, cada um com os olhos arregalados nos corredos. Estava conosco Arinda. De repente ela abaixou com um grito e apanhou um diamante bem grande. (...) Fiquei até com pena do pobre [pai de Arinda] e **achei que foi melhor Arinda ter achado o diamante**. O rancho dela não tem senão um couro para todos dormirem, coitados”. (MORLEY, 1994, p. 8; destaques meus).

Por sua vez, em passagens como a de abaixo, a confirmação da veracidade do conteúdo do provérbio é codificada de um modo mais contundente, através da apropriação direta por Helena de uma das fórmulas paremiológicas de que costumamos nos servir à guisa de desculpa para nossos atos escusos, a saber: *O que os olhos não vêem o coração não sente*. Diferentemente das demais situações aqui apreciadas, no caso em pauta, o enxerto proverbial é realizado numa operação conjunta (e conveniente à situação) levada a termo por Helena e alguns de seus primos. Usado como conselho, esse provérbio iria convencer, de uma vez por todas, um dos primos de Helena, vendedor de pés-de-moleque, a levar de novo ao fogo a massa de doce que estendera sobre a mesa, e que pisara e repisara, com raiva de ter errado o ponto, e, por conseguinte, perdido trabalho e dinheiro:

- (18) “Quando o tabuleiro das cocadas saiu para a rua nós lhe [Sérgio, um dos primos, que errara no ponto do doce de pé-de-moleque] dissemos: ‘Não seja bobo de perder seu dinheiro. Conserte seus pés-de-moleque e mande pra rua. Quem comprar não sabe e *o que os olhos não vêem o coração não sente*. Assim ele fez. Pôs todos no tacho, derreteu de novo em ponto e virou na mesa. Desta vez ficaram bons e bonitos”. (MORLEY, 1994, p. 44; destaques meus).

Em outras situações, a aprovação do *dictum* proverbial é traduzido em forma de apêndice, arremate, ou coda, que serve para reforçar não só a opinião da jovem, como a sabedoria popular nele manifestada. Ilustra-nos isso a seguinte pas-

sagem, em que a frase tem a dupla função de ajudar Helena a justificar seu gênio rebelde e de criticar a passividade de seus familiares:

- (19) “Não sei por que hei de ter este gênio de não suportar as contrariedades, tendo sido criada na nossa família, com todos tão resignados e conformados e também sendo filha de meus pais que nunca discutem e não procuram se meter em nada. Penso sempre que a educação nada vale. *Cada pessoa nasce como Deus a fez e assim terá de ser*”. (MORLEY, 1994, p. 104; destaques meus).

Outra forma de confirmação ainda mais radical é a repetição (em forma alterada, ou não) de um mesmo provérbio, em outras partes distintas e subseqüentes, do diário. Isso se dá, por exemplo, com o enunciado proverbial presente no excerto (19) acima, que é retomado pela autora, em outros contextos situacionais, como os ilustrados abaixo:

- (20) “Dizem vovó e minhas tias que ela [tia Clarinha] foi sempre assim [de gênio forte] e que *pau que nasce torto nunca se endireita*”. (MORLEY, 1994, p. 123; destaques meus)
- (21) “Eu sei que o meu gênio e meu modo não mudariam. *Cada um é como nasce*” (MORLEY, 1994, p. 173; destaque meu)

Como *nem só de pão vive o homem*, Helena, adolescente, não vivia apenas de certezas. Assim é que, várias vezes, ela oscila em sua avaliação, repensando e/ou reformulando o seu ponto de vista, chegando, até mesmo, por força das circunstâncias, a refutar a si própria. Em outras palavras, nossa jovem escritora “volta atrás” em algumas de suas adesões e contestações ao *designatum* dos provérbios que ouvira ou que empregara. No conjunto de dados abaixo, constatamos esse vai-e-vem da opinião da autora, em relação a um dos provérbios acatados anteriormente por ela, a qual cita: “*Cada pessoa nasce como Deus a fez*”, já transcrito aqui – em forma alterada, ou não –, nos exemplos de número (19), (20) e (21):

- (22) a- “Não sei por que hei de ter este gênio de não suportar as contrariedades, tendo sido criada na nossa família, com todos tão resignados e conformados e também sendo filha de meus pais que nunca discutem e não procuram se meter em nada. Penso sempre que a educação nada vale. *Cada pessoa nasce como Deus a fez e assim terá de ser*”. (MORLEY, 1994, p. 104; destaques meus).
(Adesão, seguida de coda afiançadora.)

b- "Dizem vovó e minhas tias que ela [tia Clarinha] foi sempre assim [de gênio forte] e que *pau que nasce torto nunca se endireita*". (MORLEY, 1994, p. 123; destaques meus).

(Adesão, através de emprego de outro provérbio com o mesmo *dictum*)

c- "Eu sei que o meu gênio e meu modo não mudariam. *Cada um é como nasce. Mas eu poderia talvez perder o gosto que tenho por tudo na vida e ficar como Luisinha e minhas primas que são tão chocas*". (MORLEY, 1994, p. 173; destaques meus)

(Adesão seguida, num primeiro momento, de uma contestação de caráter dubitativo e desiderativo, por meio da qual Helena conjectura possíveis mudanças em seu modo de ser, e, num segundo de recuo, isto é, de auto-contestação, inferida no modo como avalia sua irmã e primas ('tão chocas'), jovens modelares, que deveria imitar).

Próprios do ser humano, esses "vacilos" de Helena nada mais são do que reflexos de sua vivacidade adolescente, confirmada, na voz coletiva, em provérbios como: "*De nada duvida quem de nada sabe*".

"MAIS LUCRA QUEM SABE CALAR DO QUE QUEM SABE FALAR"

Em convivência com a lição paremiológica, que nos ensina que, "*o falar é prata, e o calar é ouro*", já é mais do que tempo de me silenciar, dando termo a este trabalho.

Relevando o quanto ficou por dizer do tanto que há para ver do discurso paremiológico incorporado ao ato rememorativo realizado por Helena Morley, em seu despretensioso *Vida de menina*, espero ter conseguido mostrar a força argumentativa e os efeitos de sentido desse naipe intertextual. Confirmando que "*les petits ruisseaux font les grandes rivières*", isto é, que "*pequenas causas produzem grandes efeitos*", esse tipo vocal, tomado a outrem, acaba nos revelando duas faces dessa adolescente tão sensível e criativa: a de "amenista" (aqui estudada), manifestada em seus atos de adesão ao conteúdo proverbial, e a de "recalcitrante" (a ser mostrada em outro trabalho), revelada em seus movimentos contestatórios, bem mais numerosos que o primeiro, conforme espero mostrar.

Pelo momento, cumpre-me acatar a recomendação inferida no provérbio que diz: *o tolo, se é calado, por sábio é reputado*, apresento, a seguir, uma síntese do modo como Helena Morley, autora, enunciadora e ser empírico (cf. DUCROT, 1987, ORLANDI, 1988, MAINGUENEAU, 2001, etc.), fez de ingredientes pa-

remiológicos uma das camadas do discurso evocativo que empreendeu, em forma de diário, durante três anos:

- a) tanto a anuência da adolescente ao *dictum* de alguns provérbios quanto o seu repúdio a outros tantos encerram processos metonímicos, relativos aos dois protagonistas da ação enunciativa: locutor e alocutário (conforme terminologia de DUCROT, 1987). No primeiro caso, tratado especificamente neste artigo, os locutores/enunciadores – mãe, avó, pai, tias e demais familiares – formam a parte “aliada” da menina, que, endossando a verdade/lição contida no provérbio, faz eco ao eco que essa parte faz à voz do todo, ou seja, à voz fundante, coletiva, genérica e autoritária;
- b) esse acatamento (e também a subversão) apresenta variação de intensidade, uma vez que a sua força, conforme se pôde ver acima, não é a mesma nas diferentes situações em que é observado. Assim, se, de um lado, encontramos confirmações menos incisivas, de outro, temos algumas mais taxativas, conforme expresso no tipo de material lingüístico usado para codificá-las. Ilustra-nos isso, a seqüência de dados arrolados em (22), nos quais se verifica um *crescendo* no modo como a autora se empenha em confirmar os provérbios ouvidos de outras pessoas, ou lembrados por ela própria;
- c) em termos discursivos, a própria reversibilidade de papéis enunciativos – locutor/locutário, ou enunciador/enunciatário e locutor-alocutário / delocutário (cf. BENVENISTE, 1989, ORLANDI, 1986, DUCROT, 1987, etc.) – serve para marcar e/ou acentuar a adesão aos enunciados paremiológicos; dito de outra forma, os locutores adultos (mãe, avó, pai, tias, empregadas, etc.), responsáveis pela “correção” da adolescente, sempre reforçam a doutrina dos provérbios, seja por confirmação de sua procedência, seja por réplica às contestações de Helena. Passando da condição de alocutária – que nos deixa entrever o seu aval – para a de locutora – sempre configurada como ser empírico – a menina escritora expressa, concretamente, através de material lingüístico diferenciado, a sua opinião favorável, ou desfavorável ao *designatum* proverbial;
- d) ainda no plano do discurso, verificam-se vários tipos de desdobramentos de papéis, principalmente por parte da instância autoral, a saber: o de escritora x autora; o de autora x ser empírico; o de locutora x alocutária; o de alvo do doutrinamento proverbial x fonte desse doutrinamento. Nessa trama polifônica, naturalmente, o papel de delocutária, se impõe sobre os demais, uma vez que o diário é de caráter *sui*-referencial;
- e) por fim, do ponto de vista formal, vimos que as unidades proverbiais se dividem em dois grandes tipos: um, externo ao diário, em que os dizeres de

alguns provérbios diferem da forma (ou de uma das formas) mais corrente entre nós; outro, interno ao diário, em que um mesmo provérbio é enunciado de maneira diversificada, conforme ilustrado nos exemplos (22a) e (22c).

Acreditando que "o pouco com Deus é muito", espero ter podido comprovar, com o "pouco" aqui mostrado, o "muito" da pertinência das seguintes palavras de Rubem Braga acerca do diário de vida da menina Helena Morley (ou Alice Dayrell Caldeira Brant):

É difícil imaginar leitura mais macia, mais simples, mais engraçada e comovente, e capaz de agradar a qualquer pessoa. Se você quiser dar um livro de presente, escolha esse; sempre dá certo. (BRAGA, 1994; orelha da obra)

Résumé

Ce travail essaie de montrer les effets argumentatifs des *proverbes* employés par la jeune auteur brésilienne, Helena Morley (pseudonyme de Alice Dayrell Caldeira Brant), dans l'opération remémorative qui elle développe dans son oeuvre *Minha vida de menina*.

Mots-clés: Helena Morley; *Minha vida de menina*; Proverbes; Opération argumentative.

Referências

- AZEVEDO, Artur de. *Amor por anexins*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, [19--].
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. Da ação metalingüística no diário *Minha vida de menina*, de Helena Morley. Trabalho apresentado no CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 7. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. (Mimeogr.)
- BRAGA, Rubem. Orelha de livro. In: MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- EULÁLIO, Alexandre. Prefácio. In: MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

- MARCUSCHI, Luis Antônio. **Gêneros textuais: o que são e como se classificam?** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000. (Mimeogr.).
- MOIZÉS, Sandra Maria Ferreira. **O discurso memorialístico: do processo enunciativo à organização textual em *Minha vida de menina*, de Helena Morley.** 2003. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MORLEY, Helena. **Minha vida de menina.** 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- MOTA, Leonardo. **Adagiário brasileiro.** Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1982.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez, 1988.
- PERELMANN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação; a nova retórica.** Tradução Maria Ermentina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PINTO, Ciça Alves. **Livro dos provérbios, ditados, ditos populares e anexins.** São Paulo: Editora Senac, 2003.
- SHOR, Jacqueline. **Mil beijos em frases; gotas de sabedoria para indicar caminhos.** São Paulo: Nobel, 1999.
- SOUZA, Josué Rodrigues de. **Provérbios & máximas em 7 idiomas.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- TEIXEIRA, Néelson Carlos. **A sabedoria condensada dos provérbios.** Belo Horizonte: Leitura, 2004.
- WEITZEL, Antônio Henrique. **Folclore lingüístico e literário.** Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.
- XATARA, Cláudia; OLIVEIRA, Wanda Leonardo. **Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões.** São Paulo: Cultura, 2002.